

REFLEXOS DA CRISE: Fernando Henrique admite que país está vulnerável e anuncia medidas de incentivo para compensar alta dos juros

FRASES

"A moeda é muito mais do que, simplesmente, uma moeda: é a estabilidade."

"Já tomei (medidas duras) em 95, tomei muitas vezes, tomarei tantas vezes quanto forem necessárias, enquanto forem necessárias, a qualquer momento. Abale ou não abale uma eventual candidatura."

"Eu não posso negar que o Estado brasileiro gasta mal. Não sou eu, não é este Governo, nem um Governo específico. O conjunto do Brasil gasta mal."

"Não adianta ter pedacinho do Orçamento. Isso não elege ninguém. Isso é o passado. Eu, se puder botar uma pá de cal nele, eu ponho."

"Nós não vamos alterar a nossa política cambial."

"O Proer deve ser exposto ao país como um instrumento que evitou que tivéssemos o que está acontecendo na Indonésia hoje. Ontem fecharam 16 bancos. Quando fecham 16 bancos, se arruínam milhões de depositantes. Aqui, nenhum depositante perdeu nada."

"Na escala Richter de terremoto, que vai de um a nove, a crise ficou entre dois e três. Não é um terremoto, mas um tremor, como se diz no Chile."

(sobre a intensidade da pressão contra o Real)

"A Inglaterra também sofreu uma turbulenciazinha e resistiu. É a mesma coisa."

A Inglaterra hoje está florescente. Eu espero que o Brasil, amanhã, seja igual à Inglaterra: floresça."

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Presidente da República

FH diz que defesa do real está acima da reeleição

Presidente considera que crise foi só um tremor e garante que não trocará votos da reforma por emendas de parlamentares

• BRASÍLIA. Passada a fase mais crítica da turbulência financeira, o presidente Fernando Henrique Cardoso tentou ontem tranquilizar a população e o mercado. Em entrevista coletiva, o presidente admitiu a vulnerabilidade do país diante do movimento especulativo que dominou os mercados financeiros na semana passada, mas reafirmou a determinação de não desvalorizar o real frente ao dólar, como fizeram alguns países do Sudeste Asiático. Apesar de reconhecer que o aumento brutal dos juros é uma medida impopular, Fernando Henrique disse que, se necessário, adotará novas medidas amargas para preservar a estabilidade do real, mesmo que isto lhe custe a reeleição.

Em primeiro lugar, está o Brasil. Já tomei medidas duras em 95, e muitas vezes. Tomarei tantas vezes quanto forem necessárias, isto abale ou não uma eventual candidatura. Este assunto para mim não tem importância, afirmou o presidente.

FH considera positivas reações da população e empresários

Acompanhado dos ministros Pedro Malan, da Fazenda, e Antônio Kandir, do Planejamento, Fernando Henrique deixou claro que o Governo ainda não sabe quando será possível baixar os juros. Mesmo sem ratificar os cálculos de economistas que prevêem um aumento de R\$ 2 bilhões por mês nos gastos com o pagamento dos juros da dívida pública, o presidente disse que o Governo não tem condições de suportar taxas tão altas por muito tempo:

— Não é possível manter a taxa neste nível porque ela realmente criará um embaraço fiscal muito grande, além de problemas na ordem econômica. Não se sabe quanto tempo vai durar. Temos que debelar as desconfianças.

Fernando Henrique não acredita que o país enfrentará uma recessão em 98. Ele lembrou que, durante a crise do México, em 95, o Governo enfrentou as mesmas previsões sombrias. Apesar disso, o país registrou crescimento econômico, contrariando as expectativas pessimistas. Agora, diante de uma nova alta dos juros, o presidente considerou positivas as primeiras reações por



FERNANDO HENRIQUE, ontem, em Brasília: "Eu tomarei as medidas necessárias, mesmo que elas afetem a mim. Por que terei medo de afetar os outros?"

parte das empresas e da população. Os empresários não aumentaram suas taxas com receio de não vender. A população, cautelosa, deixou de ir às compras, à espera dos próximos acontecimentos. Mas o presidente prevê que o Natal dos brasileiros não será tão magro como se imagina.

Preocupado com os efeitos ne-

gativos dos juros, o presidente informou que o Governo prepara medidas para estimular alguns setores. A prioridade será o segmento exportador. O BNDES deverá reforçar suas linhas de financiamento. A construção civil também deverá ser incentivada, pois é a grande responsável pela geração de novos empregos. Na agri-

cultura, o presidente acha que não há motivos para preocupação, pois as taxas de juros fixas não serão alteradas. Neste setor, a única coisa que pode causar turbulência é o "El Niño", provocando cheias no Sul e seca no Nordeste:

— Catástrofe é catástrofe e emergência é emergência. O Go-

verno agirá para resolver as questões que ocorram, tanto no Sul quanto no Nordeste. De qualquer forma, vi estudos que mostram que toda a vez que há "El Niño" a produção brasileira aumenta.

A crise da semana passada foi interpretada pelo presidente como um problema global, que atingiu até mesmo os Estados Uni-

dos. Ele minimizou o abalo sofrido pelo Brasil, dizendo que tudo não passou de um tremor:

— Na escala Richter de terremoto, que vai de um a nove, a crise ficou entre dois e três. Não é um terremoto, mas um "tremor", como se diz no Chile.

Embora reconhecendo a vulnerabilidade do país frente ao movimento de capitais voláteis, Fernando Henrique ressaltou o aumento da capacidade de reação do Brasil, do Mercosul e dos países da América Latina. Na sua avaliação, o país conseguiu driblar a crise, tanto que já está conseguindo recompor as reservas perdidas na semana passada.

— Temos feito bastante e faremos mais para diminuir esta vulnerabilidade. Não há mágica nessa questão. Chega um momento que começa a chuvistar. Ainda bem que nós tínhamos guarda-chuva. Está aí a nuvem no céu. Mas já há um raiozinho de sol. Vamos apostar nele — disse.

Presidente diz que não troca voto de emenda por reforma

O presidente confirmou que o Governo fará cortes no Orçamento de 97 e 98. A princípio, apenas as áreas de educação e saúde e os investimentos seriam preservados. O tamanho do corte ainda não está definido, mas Fernando Henrique admitiu que as emendas apresentadas por parlamentares não estão livres da tesoura da equipe econômica. Mesmo ciente de que o corte poderá irritar o Congresso, dificultando a aprovação das reformas, o presidente disse que não está disposto a trocar a manutenção das emendas pelas reformas:

— O voto da reforma não pode estar condicionado à aprovação de emendas. Porque voto de reforma é voto de consciência. Há critérios técnicos. Se as emendas couberem nos critérios técnicos, é só aprová-las. Acabei de dizer que tomarei as medidas necessárias, mesmo que elas afetem a mim. Por que eu terei medo de afetar os outros? Só não posso afetar o interesse do Brasil.

O presidente estava descontraído e chegou a dizer que o dia de ontem era "glorioso", ao comemorar o resultado do leilão de privatização da CPFL. ■